

**Nelson Rodrigues por Sábado Magaldi:
um embate de gigantes para estudar a crítica jornalística¹**

Gisely Valentim Vaz Coelho HIME²
FMU, São Paulo, SP

RESUMO

No ano em que comemoramos o centenário de Nelson Rodrigues, voltamos a Sábado Magaldi, maior especialista em sua obra e um dos principais críticos teatrais brasileiros, com intensa produção jornalística nos anos 1950, em jornais de significativa importância no cenário nacional, a saber *Diário Carioca* e *O Estado de S.Paulo*. O objetivo é refletirmos sobre a organização textual da crítica, enquanto gênero jornalístico, buscando indicar os parâmetros de aprofundamento de futuros estudos que possam nortear novos formatos em consonância com os desafios postados pelas novas tecnologias na criação de produtos jornalísticos alternativos.

PALAVRAS-CHAVE: gêneros jornalísticos; crítica teatral; narrativa jornalística; Sábado Magaldi; Nelson Rodrigues.

TEXTO DO TRABALHO

Exercer a crítica, afigura-se a alguns que é uma fácil tarefa, como a outros parece igualmente fácil a tarefa do legislador; mas, para a representação literária, como para a representação política, é preciso ter alguma coisa mais que um simples desejo de falar à multidão. Infelizmente é a opinião contrária que domina, e a crítica, desamparada pelos esclarecidos, é exercida pelos incompetentes (ASSIS, 1997, p. 11).

Aclamado um dos maiores escritores da Língua Portuguesa, Machado de Assis é também reconhecido por seu talento jornalístico, sobretudo como crítico literário. Daí a legitimidade de sua avaliação, alertando para um vício bastante comum, sobretudo na atualidade, neste formato da narrativa jornalística que, por pertencer ao gênero opinativo, manifesta-se, freqüente e equivocadamente, de forma ligeira e, portanto, leviana.

Em um momento em que a crítica volta à baila nos principais veículos jornalísticos impressos do País, *O Estado de S.Paulo* e *A Folha de S.Paulo*, destaca-se em revistas culturais como a *Bravo!*, de trajetória consolidada, e mesmo ganha até veículo próprio como o jornal *Rascunho*, julgamos propício propor projeto de pesquisa que possibilite

¹ Trabalho apresentado no GP Gêneros Jornalísticos (DT1) do X Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Coordenadora e Professora da Área de Comunicação Social do Centro de Pesquisa e Pós-Graduação da FMU (SP); Professora dos Cursos de Graduação em Comunicação Social do UniFIAMFAAM (SP). Mestre e Doutora pela ECA-USP, instituição onde também se bacharelou em Jornalismo. e-mail: giselyhime@uol.com.br

refletir sobre os formatos adotados na atualidade e sua relação com o mercado editorial e, sobretudo, com o perfil do leitor brasileiro. Sendo assim, este artigo apresenta-se como uma introdução a esse projeto, ao realizar uma reflexão sobre os princípios de definição da Crítica, tomando por referencial textos publicados por Sábato Magaldi n’*O Estado de S.Paulo*. A intenção é ressaltar aspectos fundamentais da organização textual, que possam indicar os parâmetros de aprofundamento do estudo que nortearão a execução do projeto.

A retomada da crítica literária

Nos anos de 1997 e 1998, surgiram no cenário jornalístico nacional, duas publicações que marcariam o retorno da crítica literária, após décadas de ostracismo. Trata-se, respectivamente, das revistas *Cult* e *Bravo!*. De acordo com o editor Marcelo Rezende, da *Cult*, a proposta inicial, delineada, em 1997, pelo jornalista e crítico Manuel da Costa Pinto, para a Lemos Editorial, valorizava a crítica literária brasileira, firmando a publicação como uma das mais importantes no segmento de literatura e filosofia, voltada ao público universitário. Ao passar para a editora Bregantini, a partir do número 57, numa estratégia para ampliação de público, o projeto passou a abranger música, teatro, cinema e demais manifestações culturais (REZENDE, 2010).

Também a *Bravo!* observou mudança de editora e, conseqüentemente, revisão de projeto. Criada, em 1998, pela Editora D’Ávila, de Luiz Felipe D’Ávila, sob direção de Wagner Carelli, é, desde 2004, administrada pela Abril. Segundo Rúbia Medeiros Figueiredo, verifica-se uma postura dupla no jornalismo praticado pela revista:

a de informação de atualidade e prestação de serviços; e uma outra postura mais reflexiva, mais autoral do que informativa a qual é caracterizada por textos mais analíticos, escritos na sua grande maioria, por especialistas, aproximando-se desta forma, à cultura acadêmica. A revista conjuga erudição, tradição, contemporaneidade, profundidade, crítica, fato jornalístico, prestação de serviço, sem ignorar, sua sobrevivência econômica (FIGUEIREDO, 2010: 11/12).

A grande novidade, porém, em relação à crítica chegaria em abril de 2000, com o jornal literário *Rascunho*, criado em Curitiba, pelo jornalista Rogério Pereira, também editor da publicação. Distribuído mensalmente para todo o Brasil, alcançando aproximadamente 12 mil leitores, publica, além da crítica, resenhas, entrevistas, ensaios, artigos, contos e poemas, favorecendo o debate e a reflexão sobre a produção literária do País. Nestes dez anos de existência, o veículo consolidou-se como referência de qualidade no segmento, possivelmente preparando o terreno para as incursões contempladas nos

novos projetos editoriais dos principais jornais impressos nacionais, implementados no primeiro semestre deste ano.

No *Ilustríssima*, d’*A Folha de S.Paulo*, amplia-se o espaço para avaliação das artes, em suas diversas manifestações, enquanto no *Sabático*, d’*O Estado de S.Paulo*, o foco concentra-se na literatura, deixando as demais para os suplementos *Caderno 2 Domingo* e *C2+Música*. Com lançamento em 2010, *Sabático*, no entender de Laura Greenhalgh, editora executiva responsável pelos cadernos da área cultural, pretende orientar os leitores em relação ao mercado editorial, aquecido pelo novo conceito de livrarias, em relação aos lançamentos, com reportagens, críticas de livros e ranking dos mais vendidos (ESTADAO.COM, 2010). A iniciativa foi festejada pela imprensa e pela Academia como um possível retorno aos bons tempos do *Suplemento Literário* do jornal.

Alguns fundamentos da crítica literária

A Crítica inicia-se com o próprio jornalismo brasileiro, uma vez que este nasce voltado à elite. Portanto, podia ser praticada em profundidade. Ressalta Marques de Melo que, “havendo coincidência entre o público leitor da imprensa periódica e o público consumidor das obras de arte, era natural que os editores cedessem espaço para a publicação de matérias bem elaboradas, cujo cerne é a análise da própria obra de arte e não a orientação para seu consumo (MARQUES DE MELO, 2003: 131).

Não faltam incursões pelo tema, realizadas por diversos estudiosos do assunto, entre eles, Alceu Amoroso Lima, Afrânio Coutinho e Wilson Martins. Tais pesquisas apontam para alguns elementos fundamentais de definição conceitual, como reflete José Marques de Melo, em seu *Jornalismo Opinativo* (2003): trata-se de narrativa voltada à apreciação das obras de arte e demais produtos culturais, com a finalidade de orientar a ação dos fruidores ou consumidores. Nesta perspectiva, caracterizam-se dois formatos básicos: a Crítica propriamente dita e a Resenha. A primeira apresenta-se como análise estética no campo das artes, estruturada segundo os padrões acadêmicos e, na maioria das vezes, publicada em veículos especializados. Por sua vez, a segunda apresenta-se como uma versão simplificada e utilitária desta análise estética, despojada, pois, de aprofundamento teórico no campo estudado, mas de contornos conjunturais, no que concerne aos aspectos sócio-econômicos, dirigida, portanto, ao grande público e, conseqüentemente, publicada na grande imprensa. Segundo Afrânio Coutinho, a Resenha é atividade propriamente jornalística que se caracteriza por ser um comentário ligeiro, sem aprofundamento, com objetivos comerciais

de divulgação, voltada assim ao público em geral. Por sua vez, a Crítica, enquanto análise aprofundada de um objeto, exige procedimentos científicos - portanto, método e critérios que a dirigem aos entendidos ou estudiosos.

A crítica literária tem por meta o estudo da literatura, dos gêneros, mas não é um deles. Ela os analisa, sem se confundir com eles. É uma atividade intelectual, reflexiva, usando o raciocínio lógico-formal, procurando adotar um método rigoroso, tanto quanto o das ciências, porém de acordo com a natureza do fenômeno que estuda o fenômeno literário, a obra de arte da linguagem. É um método específico para um objeto específico. Não é uma atividade imaginativa, embora consinta no auxílio da imaginação; é uma atividade científica, sem utilizar os métodos das demais ciências (biológicas, físicas, naturais), nem se valer das suas leis e conclusões; não é a filosofia, mas recorre ao raciocínio lógico-formal, para refletir sobre os fenômenos da arte da palavra (COUTINHO, 1978: 92).

Daí a classificação da produção brasileira nos anos 1950, em relação à Crítica. Haveria, segundo Coutinho, três grupos: o dos impressionistas, que aproveitavam o rodapé de jornais – como os *bookers-review*, do jornalismo anglo-saxão – para comentários subjetivos e superficiais; o dos conservadores, que se concentram nas informações biográficas e na análise sociológica e psicológica; e o dos estudiosos preocupados com um novo rumo para a atividade crítica, na base de um rigorismo conceitual e metodológico, de um conceito da autonomia do fenômeno literário e da possibilidade da sua abordagem por uma crítica estética visando mais aos seus elementos intrínsecos, estruturais, isto é, à obra em si mesma e não às circunstâncias externas que a condicionaram (COUTINHO, 1968, p.119).

Por que Sábato Magaldi?

A opção por Sábato Magaldi deu-se em função de sua importância como crítico teatral, associada à intensa produção, em um momento em que a Crítica, no Brasil, passava por profundos questionamentos – os anos 1950. Ressalta-se que Magaldi revela-se e consolida-se como crítico, ao participar do grupo fundador do *Suplemento Literário* do jornal *O Estado de S.Paulo*, marco do jornalismo cultural brasileiro, que circulou por praticamente uma década: entre 6 de outubro de 1956 e 17 de dezembro de 1966. O projeto foi idealizado por Antonio Candido e dirigido por Décio de Almeida Prado, intelectuais que dispensam apresentação. Além disso, reunia em sua equipe paradigmas do pensamento cultural, com Wilson Martins, Paulo Emílio Salles Gomes, Ruy Coelho e Lívio Xavier.

Nascido Sábato Antônio Magaldi, em 1927, em Belo Horizonte, formou-se em Direito, em 1949, mas, embarca para a França, onde estuda Estética, Psicologia e História

da Arte Moderna, na Universidade de Paris. Voltará a Sorbonne, como professor associado, entre 1985 e 1987, no Instituto de Estudos Portugueses e Brasileiros da Universidade de Paris III (Sorbonne Nouvelle), e lecionará também no Instituto de Estudos Portugueses e Brasileiros da Universidade de Aix-em-Provence, entre 1989 e 1991.

Entre 1950 e 1953, período em que realiza seus estudos na França, desponta como Crítico Teatral na Imprensa Brasileira, colaborando em um dos principais veículos do cenário nacional, ícone de modernidade no jornalismo: o *Diário Carioca*. Ao regressar ao País, assume a disciplina História do Teatro, na Escola de Arte Dramática (EAD), vinculada à Universidade de São Paulo (USP). Alguns anos após, em 1967, com a criação da Escola de Comunicações e Artes da USP, assume como professor no curso de Artes Cênicas, onde chegará a professor Livre-Docente (1985) e emérito (2000).

Quando da vinda para a capital paulista, em 1953, inicia também seu vínculo com o jornal *O Estado de S.Paulo*. Ao lado de vários dos intelectuais fundamentais na formação do Pensamento Brasileiro do século XX, entre os quais Sérgio Buarque de Hollanda, Antônio Cândido e Wilson Martins, Magaldi participa da criação do *Suplemento Literário* do jornal, onde será responsável pela coluna de Teatro até 1972, consolidando-se como um dos nomes mais representativos da crítica teatral. No mesmo período, atua como redator-chefe e crítico teatral da revista *Teatro Brasileiro* (nove números, de novembro de 1955 a setembro de 1956). Também exerceu a função de crítico no *Jornal da Tarde*, do mesmo grupo d'*O Estado*, desde sua fundação, em 1966, até fins de 1988.

Com extensa produção acadêmica, organizou obras importantes para o estudo da história do teatro, ressaltando-se as coleções *Teatro Universal*, pela Editora Brasiliense (1960), *Teatro Vivo*, pela Editora Abril, e *Teatro Completo de Nelson Rodrigues* (4 vol.), entre 1981 e 1989, além da pesquisa *Cem Anos de Teatro em São Paulo*, publicada em fascículos pelo jornal *O Estado de S.Paulo* (1975) e como livro pela Editora Senac (2001); e os títulos *Panorama do Teatro Brasileiro* (1962), *Iniciação ao Teatro* (1965), *O Texto no Teatro* (1989), *Moderna Dramaturgia Brasileira* (1998), *Depois do Espetáculo* (2003) e *Teatro da Ruptura: Oswald de Andrade e Teatro da Obsessão: Nelson Rodrigues* (2004), entre outras.

Por sua significativa produção acadêmica e jornalística, recebeu importantes e diversos prêmios, além de exercer significativas funções: foi o primeiro Secretário Municipal de Cultura de São Paulo (1975-1979); é conselheiro vitalício da Fundação Bienal de São Paulo; é *Chevalier des Arts et Lettres* (1967) e *Chevalier de l'Ordre National du*

Mérite (1979), do governo francês; e membro da Academia Brasileira de Letras. Como ressaltava o crítico e teórico Jacó Guinsburg, “No processo renovador, um nome que veio a impor-se como dos mais representativos foi o de Sábato Magaldi, seja pela intensidade de sua militância jornalística, seja pela envergadura de sua contribuição ensaística (GUINSBURG *In* MAGALDI, 1998, Apresentação)”.

A produção de Magaldi n’*O Estado de S.Paulo*

Entre 1956 e 1998, Sábato Magaldi publicou 68 críticas no jornal *O Estado de S.Paulo*: duas em 1956; 14 em 1957; 13 em 1958; 11 em 1959; duas em 1960; cinco em 1961; uma em 1962; duas em 1963; três em 1965; seis em 1967; uma em 1970; duas em 1971; uma em 1972; uma em 1991; três em 1996; uma em 1998. Destas, 63 foram publicadas no *Suplemento Literário*. Optamos por analisar algumas das dedicadas à obra do dramaturgo Nelson Rodrigues, pelo grande interesse demonstrado por este crítico por sua obra, dedicando a ela vários anos de estudo.

Escolhemos *Opiniões de Nelson Rodrigues*, publicado a 6 de abril de 1957, pois parte de um pressuposto bastante arrojado: o confronto das opiniões do dramaturgo com suas peças. Não incluiremos aqui o texto na íntegra, pela limitação de espaço, mas ele pode ser consultado no Acervo do jornal, disponibilizado no Portal Estado. Na perspectiva classificatória, quanto à estrutura narrativa, esta crítica inclui-se no terceiro grupo proposto por Coutinho, atendendo aos critérios fundamentais:

1. conceitual e metodológico de análise,
2. autonomia do fenômeno literário e da possibilidade da sua abordagem por uma crítica estética e
3. consideração dos elementos intrínsecos, estruturais da obra.

Vejamos pois a estrutura narrativa, parágrafo por parágrafo.

PARÁGRAFO I:

A abertura surpreende pela descontração, em contraposição ao rigor do estudo. Se fundamental para a compreensão do raciocínio traçado, introduz o pressuposto sobre o qual se sustenta, a partir de um comentário descontraído a respeito das entrevistas de Nelson Rodrigues à imprensa. Esse é o mote. Observem:

De vez em quando, Nelson Rodrigues concede uma entrevista que é amplamente comentada e combatida. Quase nunca na própria imprensa, que é de nosso feitio aproveitar o assunto para o bate-papo amistoso, a conversa macia e tranquila de quem não quer esquadrihar os recessos do dramaturgo mas apenas glosar-lhe o pitoresco. Nelson Rodrigues armazena ideias, opiniões e insultos, e ei-lo que de

novo se confessa à *Revista da Semana*, no número de 16 de fevereiro, e ao *Correio da Manhã*, em 10 de março findo. Não se pode desconhecer sua implacável dialética, mesmo quando parece tomar o partido do absurdo.

PARÁGRAFO II:

Apresenta um contraponto essencial no entendimento da perspectiva de análise: o confronto entre o real e a realidade, sendo esta compreendida enquanto visão parcial do complexo e inatingível real, questão aqui tratada como aproximação da realidade. “Porém, Nelson Rodrigues, sempre mais mergulhado nos caminhos da solidão, está perdendo o contato da realidade, a visão objetiva dos problemas, e daí os falsos valores que faz circular. (...) Ademais, para um autor o que importa são as peças e não as ideias, e felizmente para Nelson Rodrigues, as peças nada têm a ver com as ideias. Ou ao menos em parte”.

PARÁGRAFO III:

Articulando o texto em metalinguagem, introduz a principal hipótese da reflexão - Nelson é inovador e contestador como Ibsen e Molière: “(...) nos momentos de ebulição, devem ter pensado o mesmo” -, valendo-se da valorização da hipótese sobre a qual repousou a entrevista concedida pelo dramaturgo:

“(...) Nelson Rodrigues condena o teatro (...). Rebelar-se contra seu convencionalismo”. Contudo, apesar da valorização do dramaturgo, equiparando-o a dois ícones da Produção Teatral, contesta a hipótese defendida por ele: ‘o autor dramático não existe como fenômeno de criação individual. O autor é apenas um vago co-autor de sua própria peça. Esta é feita por seu autor convencional e por cada um de seus espectadores de todas as noites e de todas as vesperais’. Assim, aduz: ‘nego a obra shakespeariana como teatro puro. Pois, o que é Otelo, ou Romeu, ou MacBeth, ou Julieta, senão o resultado da colaboração de Shakespeare mesmo com os quatrocentos Shakespeares, de ambos os sexos?’

Na contestação, evoca novamente a metalinguagem – presente no próprio discurso de Nelson -, por um lado, aproveitando-se da própria referência de Nelson à Shakespeare, por outro lado, recorrendo a outro ícone da Produção Teatral: Pirandello, pois “(...) há tantas obras quanto contempladores deparem uma criação individual”.

Finaliza, apresentando dois conceitos fundamentais da Criação Teatral: o de espetáculo e o de autoria dramática, acusando a confusão efetivada pelo dramaturgo, pois, se concorda com Nelson, quando este diz que a moça que lê a então popular revista de fotonovelas *Grande Hotel* gosta do edifício do Ministério da Educação, ícone da arquitetura moderna no centro do Rio de Janeiro, Magaldi ressalta que a apreciação da moça de um e de outro se dá sob a mesma perspectiva, da mesma forma que apreciaria também a série de contos rodriguianos *A Vida Como Ela É* e mesmo até suas peças menos compreendidas.

Ressalte-se que a evolução deste raciocínio pressupõe o pleno conhecimento por parte do leitor tanto de Shakespeare, quanto de Ibsen e Molière, bem como do próprio Nelson, considerando-se as produções teatrais dos respectivos autores.

PARÁGRAFO IV:

Retoma a hipótese inicial - Nelson contestador -, mas, desta vez, como proposição do próprio Nelson, evocando a atitude de presunção do autor: “(...) ou Nelson Rodrigues se julga o primeiro autor teatral nos seis mil anos de equívocos (...)” – comentário inicial do dramaturgo que sublinha o teatro como uma arte não criada, que há seis mil anos se recusa a existir -; “(...) ou virá a ser o primeiro autor; ou está no caminho que revelará esse primeiro autor”.

PARÁGRAFO V:

Avança na justificativa de sua análise: Nelson – apesar de contestar aqueles que o elogiam – refaz o caminho dos grandes dramaturgos internacionais. Se aparentemente respalda sua narrativa em tipos brasileiros o faz para ressaltar as personalidades – por isso, recorrentemente nas entrevistas argumenta não contar com nenhum tipo de participação do público para constituir suas falas. Sendo assim, retoma a base de autores como Shakespeare: a exploração do variegado espectro das personalidades: “Descobrimos com as peças de Nelson, que o nosso teatro não precisa ficar nos tipos convencionais, ambicionando intuir intimamente as personalidades”.

Uma ressalva importante na justificativa: caso buscasse inspiração nos dramaturgos internacionais, poupar-se-ia a si próprio do longo caminho – com tentativas e erros – do processo de constituição de narrativas de tal profundidade psicológica. Magaldi atribui essa omissão intelectual ao atraso cultural do País: “(...) os ventos batem tardiamente nos países menos preparados. Daí repercutir sempre no Brasil, com atraso razoável, o que outros já experimentaram por serem cultos”.

PARÁGRAFO VI:

Passa a comentar cada um dos aspectos característicos da produção rodriguiana, já identificados nos parágrafos anteriores, mas aqui introduzidos com valoração positiva – inclusive brincando com a dupla conotação da palavra “bárbaro” -, a partir dos aspectos ressaltados pelo próprio dramaturgo em seu discurso: 1) o uso da linguagem coloquial (gíria) – também observado em Shakespeare; 2) a aproximação do real na construção das personagens, produzindo realidades distintas de sua inspiração, mas tão profundamente ligadas ao real que mais perenes do que as pessoas que as inspiraram – também observada

em Pirandello: “As qualidades do autor ‘bárbaro’, além de não admitir a co-autoria das peças, são o uso da licença verbal, que traduziria também uma ‘manifestação inequívoca de incultura’ e a aspiração do teatro a ser ‘mais que uma imitação da vida, a vida mesma’”. Posto que “a perenidade que Nelson Rodrigues procura permitir às suas personagens é o selo dos grandes heróis da história do teatro. São muito mais vivos que nós, pobres mortais. Mas, ainda aqui argumentamos com a história do teatro, tecido milenar de malentendidos”.

PARÁGRAFO VII:

De onde a grande argumentação que sustenta – duplamente – o discurso rodriguiano e o magaldiano: a narrativa teatral inspira-se no real para criar uma realidade – enquanto perspectiva deste real – acima dele, questionando, em última instância este mesmo real, ao propô-lo, pela perenidade das personagens, falso. Nelson afirmaria que “as pessoas que enfurecem contra suas peças se identificaram a uma das suas personagens”.

PARÁGRAFO VIII:

A aproximação com o real, na perspectiva do aprofundamento e não da reprodução superficial, leva à análise das motivações da obra rodriguiana, em última análise, ao estudo de suas temáticas. Se, à primeira vista, os tipos rodriguanos podem remeter à percepção do homem como vil, raso, depravado, a percepção de sua constituição sob o binômio bem e mal pode empobrecê-lo. Pois, ressalta, “(...) ainda bem para as peças e para nós, as teorias não têm importância. Os exemplos dessa vida maior são lamentáveis”.

PARÁGRAFO IX:

O encerramento da reflexão retoma a importância da consideração do teatro estrangeiro para avançar mais rapidamente no cenário nacional, não pelo caminho da reprodução simplesmente, mas pelo aproveitamento desta maturidade como artifício para saltos mais arrojados na encenação brasileira. Daí a importância de Ziembinski na primeira montagem de *Vestido de Noiva*, 15 anos antes da publicação da crítica, mas emblemática até os dias de hoje.

O centenário de Nelson Rodrigues pela perspectiva do jornalismo contemporâneo

Finalizávamos a revisão deste artigo, quando nos deparamos na capa do Caderno2 d’*O Estado de S.Paulo* com o seguinte título: *Centenário e Plural*. Trata das diversas homenagens por meio de encenações e exposições ao centenário de nascimento de Nelson Rodrigues. Aproveitamos, então, para alterar a finalização deste artigo, com o objetivo de fazer uma breve aproximação com a estrutura narrativa do jornalismo contemporâneo.

Sob o título citado, o texto de capa anuncia o centenário do dramaturgo, em 23 de agosto deste ano, destacando-o como polemista – a exemplo do que encontramos na crítica de Magaldi. Curiosamente – posto os aspectos sublinhados nesta crítica -, valoriza a diversidade de olhares nas homenagens anunciadas, enquanto múltiplas interpretações possíveis de sua obra. Senão vejamos, como recupera Magaldi da fala do próprio Nelson, na crítica comentada: “o autor dramático não existe como fenômeno de criação individual. O autor é apenas um vago co-autor de sua própria peça”. Nessa perspectiva, destaca quatro dos eventos planejados, sublinhando as diferentes interpretações rodriguianas que o sustentam:

1. as peças *Boca de Ouro* e *A Falecida* trazem uma orientação comum do diretor comum, Marco Antônio Braz, a fidelidade ao texto: “O que Nelson faz não é prosa, mas uma poesia dramática. Alterar uma palavra é quebrar a rima”;
2. a coreografia a partir da peça *Vestido de Noiva* valoriza a trama de relacionamentos;
3. a peça *Rodriguianas* busca recuperar na obra do dramaturgo o traço cômico.

A jornalista Maria Eugênia Menezes completa a reportagem na página 6 do caderno cultural, matendo o destaque para a multiplicidade de interpretações: *Visões de Nelson – para diretores, dramaturgo tem mérito de propor amplo leque de leituras*. Por se tratar de reportagem, não se espera que se proponha ou alcance o nível de profundidade que a reflexão de Magaldi oferece. Poderia, contudo, arriscar-se a vôos mais altos, indo além da simples – e rasa – reprodução das referidas propostas, por meio da citação de entrevistas com os protagonistas destas produções.

É fato que encontramos, ainda que sem – repetimos – qualquer pretensão de análise, alguns das características levantadas por Magaldi:

1. “os personagens têm uma dimensão real, palpável”;
2. apesar da ambientação no subúrbio carioca, pinçando tipos característicos, faz uma projeção para a percepção de arquétipos psicológicos mais amplos: “são bicheiros, sambistas, torcedores de futebol”, “mas, ao mesmo tempo, está lidando com um argumento de apelo universal”;
3. “a linha sempre tênue entre tragédia e comédia”, característica da aproximação com a realidade.

Há indícios, porém, da leitura realizada por Maria Eugênia do texto de Magaldi, por certo aproveitando o precioso acervo do jornal em que trabalha. Ao valorizar a temática da construção dos personagens introduzida pelos atores Marco Ricca e Maria Luiza

Mendonça, recupera a comparação com Pirandello: “Tal como o indivíduo fragmentário que habita os dramas de Pirandello, aqui cada ser surge como um amálgama de subjetividades”. Também ao comentar a montagem de *Vestido de Noiva* pelo grupo *Os Satyros* salienta que apresenta “dicção própria ao não revelar a encenação histórica de Ziembinski”.

O texto é complementado por uma coluna assinada por Jefferson Del Rios. A narrativa que encontramos sob a rubrica *Análise* poderia ser classificada como uma crítica conservadora, que se concentram nas informações biográficas e na análise sociológica e psicológica (COUTINHO, 1968, p.119). Para tanto, pinça alguns exemplos de montagens de textos do dramaturgo, que se tornaram ícones do universo teatral brasileiro:

1. a encenação de *A Falecida*, em 1965, pela EAD, com direção de Antunes Filho – seria um marco para a mudança na percepção de Nelson Rodrigues pelo teatro paulista;
2. a versão para *Boca de Ouro*, em 1972, retomada em 1974, também pela EAD, desta vez com direção de Emílio Di Biasi – aprovada por Nelson, que viajou do Rio para assisti-la;
3. as diversas montagens posteriores, dirigidas por Antunes e José Celso Martinez Correa, explorando os arquétipos valorizados pelo dramaturgos, em linguagens inovadoras;
4. estimulando múltiplas incursões, com a marca do arrojo, a partir dos anos 90.

Del Rios também recorre a Magaldi para alinhar seu pensamento, encerrando com consideração do crítico: “Poucos dramaturgos revelam, como Nelson Rodrigues, um imaginário tão coeso e original, e com um espectro tão amplo de preocupações psicológicas, existenciais, sociais e estilísticas”.

A valorização da crítica magaldiana, neste momento, pelo aporte que traz ao conteúdo, faz-nos refletir sobre a necessidade de retomá-la também por seu aspecto estrutural narrativo. A breve reflexão realizada neste artigo o comprova. Recuperar pelo estudo os parâmetros de narrativas jornalísticas mais complexas pode se mostrar o caminho para encontrar novos formatos que encantem pelas possibilidades de voo que inspiram ao pensamento, neste tempo em que as novas tecnologias instigam a criatividade no desenvolvimento de produtos jornalísticos alternativos.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Machado de. **Crítica e Variedades**, São Paulo: Ed. Globo, 1997 (Obras Completas de Machado de Assis).
- COUTINHO, Afrânio. **Crítica e poética**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1968.

_____. **A literatura no Brasil**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana, 1968.

_____. **Crítica e críticos**. Rio de Janeiro: Simões, 1969.

_____. **Da crítica e da nova crítica**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1975.

_____. **Notas de teoria literária**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

MAGALDI, Sábato. **Moderna dramaturgia brasileira**. São Paulo: Perspectiva, 1998.

MARTINS, Wilson. **A crítica literária no Brasil**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2002.

LIMA, Alceu Amoroso. **Teoria, crítica e história literária**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; Brasília: INL, 1980.

LIMA, Luiz Costa. **Teoria da literatura em suas fontes**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

MELO, José Marques de. **Jornalismo Opinativo: gêneros opinativos no Jornalismo Brasileiro**, 3ª Ed., Campos do Jordão: Ed. Mantiqueira, 2003.

Documentos eletrônicos

CARELLI, Wagner. **A editora D'Ávila e a revista Bravo!**. Disponível em: www.digestivocultural.com/ensaios/imprimir.asp?codigo=83. Acesso em 12 de abril de 2010.

FIGUEIREDO, Rúbia Medeiros. **Revista Bravo!: estudo do comportamento do jornalismo cultural frente às pressões do mercado**. Disponível em: www.metodista.br/poscom/cientifico/publicacoes/discentes/art/artigo-0039. Acesso em 12 de abril de 2010.

JORNAL RASCUNHO. Disponível em: rascunho.rpc.com.br/index.php?ras=secao.php&modelo=1&secao=1&lista=1&subsecao=1&ordem=0. Acesso em 12 de abril de 2010.

No "Sabático", todas as razões para cultivar o tempo da leitura Disponível em: www.estadao.com.br/estadaodehoje/20100307/not_imp520534,0.php Acesso em 12 de abril de 2010.

LIMA, Marcos Hidemi de. **Afrânio Coutinho e o New Criticism no Brasil**. In <http://www.ufjf.br/darandina/files/2010/02/artigo15a.pdf>. Acesso em 12 de abril de 2012.

Periódicos

DEL RIOS, Jefferson. **Universo do autor inspira espetáculos memoráveis**. In: *O Estado de S.Paulo*, Caderno2, 28 de junho de 2012, p. 6.

MAGALDI, Sábato. **Opiniões de Nelson Rodrigues** In: *O Estado de S.Paulo*, Suplemento Literário, 6 de abril de 1957, p. 5.

MENEZES, Maria Eugênia. **Centenário e Plural** In: *O Estado de S.Paulo*, Caderno2, 28 de junho de 2012, p. 1.

_____. **Visões de Nelson – para diretores, dramaturgo tem mérito de propor amplo leque de leituras**. In: *O Estado de S.Paulo*, Caderno2, 28 de junho de 2012, p. 6.